

Quem morre em guerras é o João-ninguém

Josimey Costa da Silva

Departamento de Comunicação Social

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

E-mail: jcostadasilva@hotmail.com

Título do filme:

Johnny vai à guerra (*Johnny Got his Gun*), 1971, Dalton Trumbo, EUA.

Sinopse:

Vencedor de dois prêmios do Festival de Cannes em 1971 (Especial do Júri e da Crítica), o filme narra a vida de um jovem e ingênuo soldado durante a I Guerra Mundial, extremamente mutilado em combate. Sua lenta agonia em um hospital é mostrada em preto e branco e em cores, e acentuada pelo monólogo interior do ferido, num angustiante libelo contra a guerra.

Ficha técnica:

Direção e roteiro: Dalton Trumbo. Fotografia: Jules Brenner. Trilha Sonora: Jerry Fielding. Elenco: Timothy Bottoms, Donald Sutherland, Jason Robards. P&B e cor, 108 minutos.

Comentário:

Não gosto de guerras e nem de filmes de guerra. Cenas de batalha me horrorizam sempre, ou me cansam, embora reconheça que filme de guerra é um gênero hollywoodiano de grande apelo cinematográfico, enobrecido por obras de alto quilate e diretores de envergadura. Há comédias, mas o tema é parco delas. Por isso, o filme *Recruta Benjamim*, uma bobagem divertida com Goldie Hawn, me atraiu ao cinema. Dei boas risadas com a *patricinha* dos anos 70, fútil e atrapalhada com uniforme e rifle, treinando para ser soldado. Por isso, pareceu-me boa idéia ver na semana seguinte outro filme sobre o tema, de um diretor para mim desconhecido, sinopse ignorada e nome sugestivo: *Johnny vai à guerra*.

A espectadora que saiu do cinema não foi a mesma que entrou; fui atravessada pelo filme. Desde a abertura até a última cena, a desrazão, a desumanidade e a demência desfilaram diante dos meus olhos, dentro da

minha alma e fizeram morrer o riso que guardava minha sensibilidade contra o horror que o homem é capaz de produzir.

Johnny vai à guerra foi o único filme dirigido pelo escritor e roteirista Dalton Trumbo, autor do livro que leva o mesmo nome do filme e publicado pela primeira vez em 1939. Vítima do macarthismo, Trumbo não conseguiu realizar outros filmes, mesmo tendo roteirizado clássicos como Spartacus e Exodus. Graças ao seu romance, inscreveu-se na história da literatura americana do século XX e o filme, produzido em 1971, não por acaso reeditou o libelo anti-belicista pouco depois da guerra norte-americana contra o Vietnam: ele é na verdade um monumento cinematográfico que ainda hoje se ergue contra todas as guerras.

As primeiras imagens mostram, enquanto os créditos são apresentados, o ufanismo do governo norte-americano dos anos 30 arregimentando soldados para guerrear pela pátria. Há algo dissonante, porém: o som não corrobora o apelo das imagens e o apito agudo de uma bomba caindo do alto anuncia o pesadelo que está por eclodir. Desde o início, a juventude de Joe, o protagonista, se impõe na cena do primeiro amor e no entusiasmo ao se alistar como voluntário para a guerra. É tocante o gesto do pai da namorada, que oferece a filha ao soldado prestes a partir como um precioso presente de despedida. Também logo se mostra o caráter frio da ciência, aliada da tecnologia, postas, ambas, a serviço da indústria bélica no fabrico de armas e concerto dos corpos que a guerra destrói.

O recurso de narrativa em dois níveis, preto e branco e em cores, inverte a lógica cinematográfica que desnaturaliza as cenas de sonhos e memórias. Em Johnny vai à guerra, é a realidade que se impõe em preto e branco. É nessas cores a vida atual do soldado Joe, vítima de uma bomba numa trincheira da Primeira Grande Guerra, que lhe amputa os membros e a maioria dos órgãos sensoriais. Seu corpo, reduzido a um tronco praticamente inerte, servirá de cobaia a médicos militares que tributam ao avanço da ciência a vida dos seus soldados vitimados em batalha.

As cenas coloridas se alternam com as em preto e branco e mostram ora memórias, ora delírios, desejos e, em muitos momentos, desespero. A narrativa é pontuada pelo monólogo do personagem, que se pergunta sobre o que acontece e se perde, querendo o tempo todo se encontrar, no tempo.

Como não consegue se comunicar com ninguém, o soldado sonha e se questiona sobre o que acontece, inquirindo o próprio espectador. Ele, entretanto, sabe os porquês. A alternância de elementos de linguagem, a mescla entre meta-realidade e meta-ficção, a narrativa monologada produzem uma intensa identificação entre personagem e espectador, e a direção intensamente comprometida, emocionada, captura e compromete.

Aos olhos do espectador contemporâneo, o filme é esteticamente marcado pela década de 70. Alguns efeitos, os tons do colorido denotam a época. O Cristo de Donald Sutherland é surreal, um *super star* mundano e místico, ao mesmo tempo. Há algum humor, cenas delirantes e um certo didatismo em algumas falas, mas tudo isso não impede o limiar alto da emoção em praticamente todos os momentos do filme. E o centramento no tema da guerra não exclui que outro, tão espinhoso quanto importante, seja também tratado: a eutanásia, que constitui um dos picos de um filme já cheio de pontos altos.

O mais tocante no filme é a humanidade da vida do protagonista e o absurdo a que ela é alçada pela ação humana. Johnny é ninguém duas vezes porque, no hospital onde morre sua vida, não se sabe seu nome; e também porque Johnny ou Joe são os nomes em inglês para desconhecidos, para aqueles que não têm nome. Ser tão ninguém a ponto de que nem sua morte, nem sua vida signifiquem coisa alguma para os que deviam assegurá-la, só amplifica os horrores de qualquer guerra, como denuncia o soldado cujo corpo é a encarnação solitária dos sacrifícios humanos feitos em nome da paz e em benefício de não se sabe o quê.

Indicações de leitura:

Sadoul, George. Dicionário de filmes. Porto Alegre: L&PM Editores, 1993.

Trumbo, Dalton. Johnny Vai à Guerra, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.